A MORTE *NÃO POSSÍVEL*: DESTERRITORIALIZ-AÇÃO E LUTA SOCIAL

Waldirene de Jesus[1]

Escreve-se sempre para dar a vida,
para libertar a vida aí onde ela está aprisionada,
para traçar linhas de fuga.
Gilles Deleuze

A morte *não possível*: Desterritorializ-ação e luta social

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Gilles Deleuze

O que pode a imagem? A imagem como *mais uma* possibilidade de vida? Imagem e leitura-ação e escrita-ação e filosofia-ação? Experiment-ação.

A imagem dança por entre territórios cósmicos, atravessa a Ciência e suas máquinas, o Homem e suas criações, a Natureza e seus elementos, enfim dirige-se não somente à Terra ou ao Sol, mas ao acontecimento, experimentação da vida.

> A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (Guattari e Rolnik, 1986, p. 323)

Vida como des-centro, não a vida que se opõe à morte, mas a vida que es-capa vida, rizoma fugas, centros temporários e independentes, a própria morte como um centro que prolifera vida. Experimentar o filme, suas mortes e im-possibilidades, incorporar na letra o ritmo que inspira e respira.

Experiment-ação de leitura/escrita no encontro do filme "Cabra marcado para morrer", de Eduardo Coutinho (1984) e o conceito de desterritorialização de Deleuze e Guatarri, como vontade de vida pelos sujeitos e coletividades que proliferam, ocupam e resistem nos territórios que incorporam a luta agrária. A opressão, a miséria e o latifúndio precarizando a vida, mas também uma morte que grita a (*im*)possibilidade de lutar e de viver *fora* do possível.

Desterritorialização em Deleuze e Guatarri como desagenciamento por reterritorialização, afecção, passagens a outros meios-ritmos, afetos de onde decorrem potências e funções. A desterritorialização é sempre dupla, um verbo, ação.

No filme "Cabra marcado para morrer", de Eduardo Coutinho (1984), temos imagens que nos afectam, tocando-criando em nós músicas de uma vida precária que resiste à própria vida.

O futuro já passou, a vida ante-cede e passa, tece-se de ventos, palavras, sons, cores, movimentos e também de (*im*)possibilidades, não há como não ser futuro, como não lutar e

[1] UNICAMP, Campinas-SP, Brasil. *E-mail*: waldirenedejesus@hotmail.com.

como não viver. As crianças, já nascidas no futuro, ressoam no grito "não é possível" e brincam, voam. Pequenos Pedros.

Pedro vive *fora* do possível, nas possibilidades tecidas pelos milhares de camponeses e pela terra. Gravadas em imagens a vida precarizada e seus gritos, marca-imagem-morte reagenciada numa marca-vida-im-possível que potencializa lutas sociais e cria outras funções para morte.

A que a morte faz funcionar? O que ela afirma? O que possibilita e im-possibilita?

Escapar a vida futura como meio de garantir um horizonte onde todos possam tecer-se na terra, quiça na água e no ar. Como tecer passado sem futuro? Como tecer presente sem futuro? Imanência. O horizonte intensifica e desintensifica nas linhas que urde.

Acontecimentos adiantados. Um outro vitalismo, não se trata de criar vida na morte, mas que a vida como pura imanência é um signo e e um som e uma cor e….. Um Cosmo que povoa a célula de im-possibilidades, possibilidades não prováveis. Pequenos lances.

Pequenas mortes, libertação de estratos. O organismo morre, mas Pedro não.

Afinal o que é Pedro? Futuros paternos, liderantes e adultos? Pequenas mortes e explodem lobos, orquídeas, crianças, operários, índios, estudantes, guerreiros e nômades.

Pedro é muitos, é Pai, Elisabete, Filho, Irmão, Filosofia, Decomposição, um Olho e uma Câmera, uma música e um animal, não há como matar uma música no refúgio do silêncio. A vida sempre escapa, re-fugiados em Guerra.

O filme "Cabra marcado para morrer" é uma saída para vida e também essas escritas.

No final Pedro não morre!

Prestação de contas. Temos de construir passados para o Pedro vivo e ele está aqui.

Guerras diárias, a liderança não dá mais conta e muito menos a dependência. A receita e o receituário não dá mais certo… Talvez devêssemos comê-los crus ou comer outra coisa, ser diverso.

A vida falta, constrói-se na sua im-possibilidade. A vida como devir, salta entre territórios e é sempre menor, não há o que lhe basta sempre re-territorializa em suas criações e fugas.

A partir das obras de Deleuze e Guatarri como "O que é Filosofia?" (1992) e "Mil-platôs" (1997; 1996; 1995 a e 1995 b) podemos pensar o devir enquanto movimento de experimentar/criar a vida, sujeitos e coletividades proli-ferando nos territórios. O devir movimenta *entre* territórios-vida, territórios-idéias, territórios-sons, territórios-imagens, territórios-velocidades, territorialização e desterritorialização-reterritorialização do trabalho e repouso e amores e protestos e indignações e... A relação com a terra e com a morte é fuga, foge a modelização imposta pelo capitalismo/consumismo, a luta social pode ser vista como fuga aos enquadramentos políticos-tiranos (GUATARRI; ROLNIK, p. 44, 1986).

Enquanto escape, a luta social é nômade, enquanto povo assume diferentes formas, composições e manifestações. Como dizer se aquela obra é mais ou menos política? Em qual posição do mapa de afectos-políticos nos encontramos e como se faz justa?

Elizabeth e sua justeza, ordem de palavras, justo uma expressão… "Não é possível"! Pedro, Elizabeth, seus filhos... não têm como passar fome, morrer, se entregar a polícia, ser torturado, golpeado, não há como não filmar... Viver "não pode deixar de ser", num corpo morto e "já" marcado para morrer, a-final não podemos nos esquecer que Pedro não morre.

Pedro retorna e retorna e retorna e…, a vida inesgota, a cada retorno uma nova batalha, um novo passado para sustentar o porvir, o caso de um povo que resiste, futuro "não possível".

Linha que se forma, uma letra, um esboço, o presente como corda bamba, num lance entre abismos, infinitos passados e impensáveis futuros, afastando toda possibilidade que pretenda aprisionar a vida, ficar sem a terra ou sem lutar.

Resistir aos e-ventos da morte e as suas conspirações, as tentativas de tirar-nos o futuro, provar que ele não existiu.

O corpo-sem-órgãos faz manter-se nas oscilações da corda bamba, torna leve o corpo em de-composição, a-mortece. O corpo volátil de Pedro se arrasta traçando linhas na multidão e ele acompanha a própria marcha fúnebre. Registra-se no campo. Lembrando Deleuze em "*São organismos que morrem, não a vida*".

Distanciamos do horizonte e o perdemos de vista, vemo-nos como raios, rastros de raios que se afetam pelo mar e pela morte, morte de Pedro.

Muitos horizontes à espreita trazem o cansaço, a desesperança e a tristeza da morte, afastam nossos "entes queridos" e os deixam esquecidos, incapazes de carregarem o futuro e as lanternas, partem apenas para passados condicionados, condicionados à morte que encerra a vida e não ao esgotamento de seus formatos. Já foi dado o veredito, faltam apenas narrar os fatos nessa ordem…

De quem é o morto?

O velho roteiro não cabe mais, o horizonte é outro, a luta agrária não é só de Pedro e dos outros camponeses, torna-se uma causa comum de atores, fotógrafos etc. Registrar as marcas da morte, do camponês, do operário e do estudante e construir um passado onde "não foi possível não lutar contra a fome e a miséria".

O Golpe de 64...

O filme e a vida se encontram em "Cabra marcado para morrer", as imagens das imagens, sobreposição, encenar a própria vida... Elizabeth, os filhos e um pai-cadáver-imagem, o pai de todos. A morte des-reterritorializada na luta social pela terra. Coutinho e os atores, os próprios camponeses, e o corpo-cadáver do líder José Pedro Teixeira assassinado em 1962, militantes da causa camponesa de luta pela terra. Elizabeth e o devir-Pedro, Elizabetes, Martas, Abraões, multidões de camponeses que seguem o cadáver-de-olhos-abertos. O ator que representa Pedro, aos poucos também vai se tornando o líder. Diversidade que explode de Pedro.

Capturar moléculas da morte, sombra, terra, solidão e toda sua im-possibilidade, o devir corpo-morto passa por Pedro e por todos os outros que encenam o filme. Exércitos de Zumbis-Pedro, devir-morto-da-vida, re-ex-sistências que vivem nas entrevidas e entre-latifúndios. O corpo não pode ficar vivo e nem pode ficar morto, não há como morrer ou viver em "Cabra marcado para morrer", a imagem e a sensação de um caixão que incomoda e luta por um lugar na terra. Capitalismo funerário. Corpo des-terrado, re-territorializado.

As imagens que sustentam a vida in-sustentável, a vida que sustenta o filme, o campo que sustenta os cadáveres. Diversa é a morte que ocupa os corpos e os corpos que habitam a morte. Habitar a morte, não há como matar a morte, não há modelo para a morte, a morte in-comoda, não cabe no corpo, reterritorializa.

> Habitar como poeta ou como assassino? O assassino é aquele que bombardeia o povo existente, com populações moleculares que não param de tornar a fechar os agenciamentos, de precipitá-los num buraco negro cada vez mais vasto e profundo. O poeta ao contraio, é aquele que solta as populações moleculares na esperança que elas semeiem ou mesmo engendrem o povo por vir, que passem para um povo por vir, que abram um cosmo. (Virilio in Deleuze & Guattari)

Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. v. 5. Editora 34, 1997a.

_____. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. v. 4. Editora 34, 1997b.

_____. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. v. 3. Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. v. 2, Editora 34, 1995b.

_____. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1, Editora 34, 1995a.

_____. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: ED. 34, 1992. (Coleção TRANS).

_____. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976/ 1972.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica** - Cartografias do Desejo. RJ, Vozes, 1986.

Filmografia

COUTINHO, Eduardo. **Cabra marcado para morrer**. 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJ0rKjLlR0c>.